



Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli | ISSN 2316-1663 | V.2, N.1 | Jan. Jun. 2013

ANÁLISE DA INTERAÇÃO VERBAL NA TEORIA BAKHTINIANA



ANALYSIS OF VERBAL INTERACTION IN THE THEORY BAKHTINIANAUZIDO

RIVALDETE OLIVEIRA SILVA
MARIA DE FÁTIMA ALMEIDA
UFPB, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 17/04/2013 • APROVADO EM 20/07/2013

Abstract

This article presents a reflection of the language as proposed interactionist movement constitutes a dialogic nature, which takes place between two or more speakers socially organized. Aims to investigate the mechanisms of action of the speech from the material conditions of production and joint enunciative theory Bakhtin, who understands the language as a continuous process of creation that is effective in verbal interaction. Thus, it emphasizes an approach bibliographical nature, seeking fields and joints of the speech as a social language. From this point of view, contributes to the study of language use in its dimensions, showing how they are produced and how they understood the statements in concrete situations of communication.

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a proposta interacionista da linguagem enquanto movimento constitutivo de natureza dialógica, que se realiza entre dois ou mais locutores socialmente organizados. Tem por objetivo investigar os mecanismos de atuação do discurso a partir das condições materiais de produção e das articulações enunciativas da teoria bakhtiniana, que entende a linguagem como um processo contínuo de criação que se efetiva na interação verbal. Assim, enfatiza-se uma abordagem de natureza bibliográfica, buscando-se campos e articulações do discurso como produto social da língua. Desse ponto de vista, contribui-se para os estudos de linguagem nas suas dimensões de uso, ao mostrar como são produzidos e como são compreendidos os enunciados em situações concretas de comunicação.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Language. Statements. Verbal interaction.

PALAVRAS CHAVE: Língua. Enunciado. Interação verbal.

Texto integral

1 Introdução

Os estudos sobre a concepção interacionista da linguagem têm-se tornado objeto de pesquisa em diversas esferas do conhecimento e suscitado discussões acadêmicas pelo seu teor filosófico e sua temática vinculada a contextos imediatos, principalmente nos domínios da Linguística como a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Linguística Textual e a Análise do Discurso.

O uso do termo interação, tão presente em diferentes vertentes de análise, exige um recorte teórico para a análise adotada neste trabalho e tome-se, por referência, a concepção de interação verbal, presente na teoria de Bakhtin (2002), para que se analisem, numa dimensão dialógica da linguagem, os mecanismos pelos quais os sujeitos interagem na vida social.

São pertinentes, nesta proposta, as considerações de Brait (2006) sobre a importância dessa dimensão constitutiva da linguagem nas atividades humanas e os questionamentos de Sobral (2009) sobre a noção de interação e seu relacionamento com outros conceitos como ideologia, história, texto e discurso, a partir dos estudos bakhtinianos.

As reflexões, aqui retomadas, fundamentam-se no desenvolvimento das pesquisas sobre a natureza interativa da linguagem, enquanto forma de articulação teórico-metodológica da análise do discurso, que organiza o dizer do sujeito pelos gêneros e enunciados e se estabelece nas infinitas situações da comunicação social.

Dessa maneira, um estudo da interação verbal na perspectiva teórica de Bakhtin contribui para que se compreendam os mecanismos de uso do discurso

nas práticas sociais e forneçam subsídios para as atividades de linguagem nas mais diversas esferas do conhecimento.

Partindo de estudos bibliográficos com breve descrição da literatura, sem a intenção de esgotar a análise, tem-se a consciência de que seguir os passos do autor é o caminho para que se abstraia de forma mais reflexiva a noção interativa da linguagem, estimulem-se novas investidas e, a partir dos resultados, apontem-se novas atividades sociointerativas ou sejam encontrados outros focos de questionamentos.

2 A linguagem: fenômeno social da interação verbal

As discussões sobre interação como objeto não apenas de reflexão filosófica, mas de estudo científico veiculada à função constitutiva da linguagem, realizam-se em Bakhtin (2002) a partir das situações enunciativas constituídas por dois ou mais indivíduos socialmente organizados. Esta dimensão social está presente em todas as esferas e manifestações da atividade humana em relação ao outro, comportando o uso da língua, na dinâmica da responsividade e das relações dialógicas, que abrangem uma língua concreta, fundamentada na *enunciação*.

As particularidades enunciativas de uma dada situação dialógica situam-se no processo interativo verbal e não verbal, fazendo parte de um contexto maior com aspectos que antecedem à situação imediata ou as projeta para tempos futuros.

Desse ponto de vista,

a enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2002, p. 121).

Por meio dessa relação, interage-se com o outro, atua-se sobre ele, leva-o a aceitar o dito e a realizar o que se propõe. A partir desse propósito, procura-se, na posição de locutor, seleção de critérios e cuidados com a elaboração do discurso. Esta dimensão constitutiva da língua se faz presente na construção e nos efeitos de sentido do discurso, na compreensão ativa e responsiva, como numa réplica, suscitando sempre uma reação, uma resposta do interlocutor. Essa relação contínua leva em conta como se assimilam as palavras alheia, como são criadas constitutivamente as respostas contextuais e como as práticas sociais influenciam nossos modos de interação.

Desse modo, a interação verbal envolve dois ou mais sujeitos, que interagem por perguntas e respostas, mesmo sem a presença do outro, pois a pergunta ou a resposta podem ser constituídas por um só, ou seja, o diálogo de um sujeito consigo mesmo, já que o eu não existe sem o outro nem o outro sem o eu, tanto que o silêncio também vincula uma enunciação.

Neste sentido, Bakhtin (2002) expõe a necessidade de uma abordagem marxista da linguagem e de outras áreas humanas como a pedagogia das línguas e a estilística, estabelecendo a relação entre linguagem e sociedade, para questionar a dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais.

3 A crítica ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato

Para Bakhtin, a orientação do pensamento filosófico-linguístico não está nem no subjetivismo idealista romântico, nem no objetivismo abstrato estruturalista, já que o primeiro se fundamenta na enunciação monológica da língua, no ato puramente individual como uma expressão da consciência, enquanto o outro, pensado por Saussure, não considera a língua um fato social, mas um objeto abstrato ideal que rejeita as manifestações orais individuais e propõe um sistema abstrato de formas linguísticas. Assim, ele encontra falhas no sistema dicotômico língua-fala/ sincronia-diacronia e postula que a fala é de natureza social, não individual, estando ligada às condições de comunicação presentes nas relações do eu com o outro.

O objetivismo abstrato, nesta concepção, não compreende a natureza social da linguagem, deduz que o conteúdo ideológico pode ser extraído das condições do psiquismo individual, define a enunciação monológica como ponto de partida do diálogo e não precisa, de forma clara, sua base sociológica.

Assim, as oposições entre elementos subjetivos (encontrados na consciência humana) e objetivos (vivenciados no mundo real) da teoria de Saussure são retomadas como ponto radical de sua crítica epistemológica, por não alcançarem o verdadeiro núcleo da realidade linguística, a comunicação, que só adquire sua completude na interação verbal.

Ao propor a superação dialética das posições dicotômicas dos tradicionais estudos linguísticos, ele pensa a apreensão da linguagem em sua realidade viva, empregando à língua um caráter verdadeiramente social, carregado de ideologia, história e vivências cotidianas. Isso significa que a linguagem não é um dom inato, uma expressão do pensamento, nem um meio, um instrumento capaz de transmitir ao destinatário uma mensagem, mas uma forma de interação social, de diálogo interpessoal, de trabalho coletivo, que se realiza dentro das práticas sociais, nos mais diferentes grupos, nos mais diversos e infinitos momentos, em todas as formas de comunicação.

Essa crítica às filosofias idealistas e individualistas torna-se suficiente para mostrar que o primado da linguagem, na visão bakhtiniana, é ser um elemento fundante das articulações individual e social, funcionando como uma realidade múltipla e heterogênea nos infinitos eventos sócio-culturais.

Ao apresentar o meio social como o eixo organizador da atividade linguística, o autor rejeita a ideia de signo como mero sinal, desvinculado do contexto sócio-histórico a que pertence, pois:

O elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra em seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo. (BAKHTIN, 2002, p. 94).

Assim, o signo é tido como um fragmento material da realidade que a refrata, como veículo da ideologia e, principalmente, como causa e efeito dos confrontos sociais. A consciência constitui-se de signos que entrelaçam signos sem interrupção, formando uma rede ideológica estabilizada nas formas de compreensão da realidade sócio-histórica.

4 Uma nova concepção de signo

A linguagem determina a atividade mental, tornando o signo e a enunciação de natureza social, na medida em que a ideologia determina a linguagem. Tudo que é ideológico possui um significado. Em todo domínio da comunicação onde o signo se encontra, coincide também um domínio ideológico. As relações sociais determinam a compreensão por meio de uma cadeia ideológica onde os sujeitos se inter-relacionam, deslocando-se de um signo a um novo signo, constituindo um elo permanente, sem interrupção, que se estende de uma consciência individual a outra consciência individual, impregnando-se de conteúdo ideológico.

Desse modo, compreender um signo consiste em aproximar este signo apreendido de outros já conhecidos, pois “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 2002, p. 112). Esta é a singularidade da enunciação concreta, inteiramente determinada pelas relações sociais.

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada, não pelo significado e pelo significante, mas “pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” (BAKHTIN, 2002, p. 113). Apoiar-se no outro, serve de ponte entre locutor e interlocutor. Ideológica por natureza, ela segue os atos de compreensão e interpretação da vida humana. Concretiza-se como signo ideológico no fluxo da interação verbal, ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que ela surge; por essa razão, a palavra é a revelação de um espaço em os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. Dessa forma, o texto põe o locutor e interlocutor frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por eles, quer seja nos seus aspectos perversos ou estigmatizados, quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida.

A palavra é passível de abstração. Sua concretização só ocorre com a inclusão no contexto social real. O sentido da palavra é determinado pelo seu

contexto. Os contextos possíveis de uma única palavra são frequentemente opostos. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, mas a organiza na enunciação que é de natureza social.

Em se tratando de língua estrangeira, ao adquiri-la, a consciência graças à língua materna se confronta com uma língua toda pronta que só lhe resta assimilar. O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior. Está no meio social que envolve o indivíduo. Desse modo, a enunciação é um puro produto da interação verbal, enquanto a situação social ou o contexto em que se realiza esse processo interativo determina não só o discurso bem como o tema, o estilo e a comunicação.

Em todo ato da fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada; a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação. Ela se revela como o produto da interação viva das forças sociais. O essencial da tarefa de compreensão não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto preciso; compreender sua significação numa enunciação.

05 A Interação verbal: princípio maior da língua

Da visão do ato comunicativo enquanto uma operação polifônica depreende-se que a natureza dialógica da linguagem é o espaço interacional entre locutores. O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. Este sujeito é o grande responsável pelo que diz em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos também responsáveis, formadores, mediadores e extremamente dependentes da sociedade em que vivem. Logo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2002, p. 123).

No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que, por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante.

A noção de interação verbal, no discurso, é gerada pelo efeito de sentidos originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas

condições de produção e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos aspectos linguísticos, as condições de produção do discurso são definitivas para a sua própria composição, pois, segundo Bakhtin, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema abstrato das formas na língua nem no psiquismo individual dos falantes. (BAKHTIN, 2002, p.124).”

Na interação por meio do diálogo, o emissor e o receptor não podem ser considerados como recipientes sem emissão e recepção de mensagens. Precisam ser reconhecidos como sujeitos plenos ou preenchidos, tanto por qualidades modais necessárias as suas competências comunicativas, quanto por valores decorrentes das relações com o extralinguístico e com a sociedade. Na visão de sociabilidade pensada por Bakhtin (2002), o locutor é considerado um ser social. Logo, ao serem concebidos como seres sociais, os locutores são construídos ao mesmo tempo pela interação entre eles e pelas relações com o extralinguístico e a sociedade.

De acordo com Sobral (2009, p. 44):

A interação nos termos do círculo é condicionada pela situação pessoal, social e histórica dos participantes e pelas condições materiais e institucionais – imediatas e mediatas – em que ocorre o intercâmbio verbal. Todos esses elementos condicionam o discurso, tanto por meio da interdiscursividade [...] como por meio da relação dialógica entre os sujeitos do discurso.

Este intercâmbio verbal ocorre a partir do grau de amplitude e do grau crescente de abrangência provenientes do contato entre sujeitos em contextos situacionais e de época bem como das condições materiais e institucionais.

Esta concepção de linguagem bakhtiniana – entendida como processo de interação social – fundamenta-se em alguns princípios essenciais: no diálogo com o outro, que se relaciona à ideia de sujeito social, histórica e ideologicamente situado, constituído na interação verbal; na unidade das diferenças, noção de que a linguagem é heterogênea, portanto marcada pela presença do outro, onde estão presentes os papéis sociais, a posição dos interlocutores, suas imagens diante dos outros interlocutores e da sociedade e; na discursividade – simples e complexa. Essa terceira questão refere-se aos gêneros do discurso e funciona como consequência das duas primeiras, já que sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social.

Desse ponto de vista, fica claro que o entrelaçamento entre interação, gênero discursivo com suas dimensões (*tema, conteúdo temático, forma composicional, arquetônica*) e estilo exige um olhar mais acentuado sobre os enunciados nas diversas situações de enunciação, já que são elementos integrantes de toda situação interativa da linguagem.

6 Os gêneros discursivos

No que diz respeito aos gêneros, eles se constituem de tipos de enunciado, construídos a partir de novas situações sociais de interação. Para Bakhtin (2000, p. 279), “são tipos relativamente estáveis de enunciados.” Qualquer mudança, nesse processo, gera também uma mudança de gênero. Por esta razão, deve-se afirmar que os gêneros são formas de ação enunciativas, que funcionam como elos na cadeia complexa, contínua, e infinita da comunicação, estabelecendo relações dialógicas com outros enunciados, mantendo, no seu horizonte, a orientação para uma resposta ativa do outro.

Embora não tenha elaborado uma tipologia dos gêneros, Bakhtin (2000) faz a distinção entre gêneros *primários* (ou livres), quando constituídos por aqueles da vida cotidiana que mantêm uma relação imediata com as situações em que estão produzidos, como alguns tipos de diálogo oral (linguagem familiar, linguagem das reuniões sociais, réplicas de diálogos) e *secundários* (de segundo), quando inseridos nas circunstâncias de uma troca cultural, seja de teor artístico, científico, sócio-político e representam uma estrutura mais complexa, mais *evoluída* como os discursos literários, ideológicos e científicos.

Se os primários são apenas menos complexos, o que muda, no caso, é tão somente o grau de complexidade da circunstância de interação social e a forma como o discurso se apresenta. Isto leva a compreender que os denominados *gêneros secundários* incorporam os *gêneros primários* e a relação existente entre eles na construção dos enunciados.

Por este ângulo:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso, que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Em outras palavras, da mesma forma que são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana, são também os gêneros discursivos, pois se multiplicam e diferenciam-se cada vez que são utilizados para atender uma situação social de interação.

Com essa amplitude conceitual, o que se torna verdadeiramente relevante não é o critério técnico para definir e classificar os gêneros e seus campos de ocorrência, mas analisá-los conforme as esferas de circulação, elementos constitutivos, seus sujeitos, interesses em disputa ou atividades envolvidas.

Em situações típicas de comunicação, os elementos constitutivos do gênero devem ser especificados pelo tema (conteúdo temático), pela forma de organização textual (construção composicional) e pelos recursos linguísticos (o estilo, o próprio gênero). Enquanto elementos determinados por estas três dimensões, os gêneros se organizam pelo contexto linguístico-textual e pela sua dimensão social, que inclui o tempo e o espaço da ação comunicativa, a sua situação de interação e a sua

orientação valorativa. Logo, não se pode analisar um gênero sem levar em conta a ação totalizante de seus elementos.

Quanto mais um sujeito falante domina uma língua, mais tem a possibilidade de dominar os gêneros do discurso, nela, existentes:

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, como maior agilidade e situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com máximo de perfeição o intuito discursivo que livremente concebemos. (BAKHTIN, 2000, p. 304).

Nesta direção, o emprego dos gêneros depende também da habilidade do sujeito falante em saber manipular a transposição de sua *subjetividade*. É do domínio de um gênero que se pode criar uma individualidade dentro dele. Quanto mais complexo se apresente o meio social de convívio, mais diversificadas são as atividades e as formas de uso da linguagem.

Esta habilidade permite o diálogo dos enunciados de outrem com os de quem escreve, tendo em vista sempre um destinatário, de modo que não há enunciados isolados. Estão sempre envolvidos entre si, de forma que a experiência discursiva individual se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros.

Tal procedimento representa uma atividade constitutiva de sujeitos interagentes, que aprimoram a noção de língua e estabelecem relações com outras formas de discurso. Nesse movimento, o locutor seleciona as unidades discursivas pertinentes, os gêneros do discurso, enunciados que, nas postulações de Bakhtin (2000, p. 287), funcionam como “[...] unidade real da comunicação verbal.” Por este mecanismo de atuação, tem-se a possibilidade de “[...] interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua a heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados” (BRAIT, 2006, p. 13). Este é o desafio. Não bastam os cuidados com o caráter normativo da língua, com a língua enquanto sistema de valores, faz-se útil a familiaridade com o gênero lido para que haja integração entre norma, leitura, escrita, e suas relações dialógicas.

Nesse processo, os gêneros discursivos, pensados por Bakhtin, tornam-se a condição essencial para explicitar condições de produção e modos de aplicação do discurso. Discurso definido como um conjunto estrutural e dialógico, permeado de concepções morais, políticas e ideológicas.

Quanto à noção de estilo, sem aprofundar a questão, que seria motivo para outra abordagem, ela está presente em vários textos bakhtinianos como em *Marxismo e filosofia da linguagem* e *O discurso no romance*, mas sempre argumentando a postura da estilística tradicional, principalmente, as concepções fundamentadas no espaço individual da língua, a fim de criar uma estilística da

enunciação. Percebe-se, assim, que esta noção parece ligada aos conceitos de gênero, no dizer de Faraco (2009, p. 137), “[...] o estilo se constrói a partir de uma orientação de caráter apreciativo,” ou seja, as seleções ocorrem nas tomadas de posição diante da infinita estratificação social da linguagem dentro do vasto universo de vozes sociais.

Para Brait (2010, p. 80), em toda obra do Circulo “[...] é possível encontrar *estilo* como uma dimensão textual e discursiva que vai sendo trabalhada, refinada, em função dos objetos específicos tratados em cada um dos estudos.” Dessa maneira, à medida que questiona estilo em vertentes clássicas, o pensador russo instaura uma estilística discursiva inscrita na língua e nos atos historicamente situados, definindo estilo como um *conjunto operante de procedimentos de acabamento do homem* bem como do seu mundo.

Aprofundar aspectos funcionais dos caminhos significativos das formas interativas, pelas concepções de linguagem, língua, gênero, estilo é enveredar pela enunciação, é contestar a ideia una do sujeito falante, é partir de uma concepção dialógico-interativa da linguagem, tomando a língua como um processo que se realiza em todas as práticas sociais.

7 Considerações finais

Dessa leitura sobre os princípios da interação verbal pelos mecanismos de atuação do discurso, abstrai-se que o autor coloca a linguagem no centro das relações dialógicas para desconstruir a ideia de sujeito idealista, defender a natureza social do signo e mostrar que todo sujeito responde constitutivamente às condições contextuais de forma que o *eu* não existe sem o *outro*, nem o *outro* sem o *eu* em qualquer situação de comunicação.

Todo diálogo presume pelo menos dois falantes, mesmo que seja num ato supostamente monológico, pois o locutor tem sempre diante de si um interlocutor, ainda que seja um *outro eu* com quem mantém o diálogo de forma imaginária, deixando entrever o encontro do *outro* de cada um através do signo, na constante dimensão constitutiva da linguagem.

Sua crítica ao objetivismo abstrato avança para uma definição de signo social e ideológico, veículo privilegiado da ideologia, que constitui sentidos no decorrer da interação verbal e no processo das enunciações em todas as esferas de produção, circulação e recepção.

Essa postura materialista vislumbra a concepção inovadora de que linguagem não é neutra, constitui o fundamento da interação social, representa o campo dos múltiplos sentidos, da polifonia, dos encontros e desencontros, de conflitos diversos, enfim a linguagem é constitutiva dos sujeitos sociais em permanente interação verbo-social.

Referências

- BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 276-326.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, Contexto, 2006, p. 9-31.
- _____. Estilo. In: _____. (Org.). **Bakhtin; conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 79-102.
- FARACO, Carlos Alberto. A filosofia da linguagem. In: **Linguagem & diálogo as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 99-157.
- SOBRAL, Adail. Dialogismo e interação. In: **Do dialogismo ao gênero - as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 21-46.

Para citar este artigo

SILVA, Rivaldete Oliveira, ALMEIDA, Maria de Fátima. Análise da interação verbal na teoria Bakhtiniana **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 117-127.

O Autor

Rivaldete Oliveira Silva é doutoranda em Linguística pela UFPB, professora do UNIPÊ.

Maria De Fátima Almeida é professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa Pós-graduação em Linguística-PROLING (UFPB)